

## Inteligência Artificial – Preguiça Natural

*Uma das novidades do mundo atual, e também uma preocupação de boa parte das pessoas é o uso da Inteligência Artificial **AI** ou *artificial intelligence technology* **AIT**.*

Tenho participado de alguns congressos em que o assunto está sempre na pauta e na preocupação de profissionais, seja na área da educação, da saúde e mesmo *dos* advogados e outros profissionais do Direito.

Tenho ouvido até mesmo de alguns especialistas que o uso da **IA** acabará, em breve, com algumas profissões, dentre elas a de advogado e magistrados.

No Direito Brasileiro, desde a Emenda Constitucional 45, conhecida como reforma do Judiciário e o Novo Processo Civil, a adoção dos precedentes, das Súmulas Vinculantes e Impeditivas de Recursos, dos IRDRs (*Incidentes de Resolução de Decisões Repetitivas*), PUILs (Pedido de Interpretação de Leis) e outros instrumentos de uniformização de Jurisprudência, vêm tornando bem mecanizadas as atuações de advogados, membros do Ministério Público, Defensores e até mesmo doutrinadores.

Esta mecanização de procedimentos criou um terreno bastante fértil para a aplicação das **IAs** e hoje até o advogado recém-formado e sem nenhuma experiência ou prática jurídica é capaz de elaborar petições de alta qualidade técnica jurídica que impressionariam os melhores juristas do mundo.

A mente do homem (no sentido mais amplo da palavra) se acomoda diante das facilidades que nos são apresentadas, Ex: pessoas da minha idade ou mais velhas - nós que antecedemos os telefones celulares, este aparelhinho que na minha infância e adolescência era ficção científica, - conseguiram memorizar uma quantidade razoável de números de telefones. Esta habilidade não existe mais, se perdeu no tempo pelo desuso e pela facilidade de ter todas as informações às mãos no celular --- pelo menos até que seja furtado ou perdido né!

Hoje não guardo na memória nem mesmo os números de telefones das pessoas mais importantes.

Como professor, eu utilizava os códigos impressos nas minhas aulas e citava com grande facilidade os números de artigos de leis, com seus parágrafos e incisos sem consultá-los, e com a facilidade de busca de todas

estas informações na internet, esta habilidade foi se atrofiando e perdeu a utilidade. É outro exemplo.

Não me espanta a informação que o número de TEA (transtorno do espectro autista), crises de ansiedade e a Doença de Alzheimer (DA) tenha crescido assustadoramente nos últimos tempos. Nós paramos de usar nossos neurônios e assim eles vão perdendo suas funções, causando até mesmo -na minha opinião - uma alteração genética na raça humana.

Até aquilo que nos diferenciava de boa parte dos animais, que eram chamados de irracionais, que é capacidade de mudar o mundo, de criar e de sair dos instintos e evoluir, está sendo transferido para outros, no caso a *IA generativa IAG*, vejamos o conceito do dr. Google sobre o tema:

A Inteligência Artificial Generativa (IA Generativa) é uma área da IA que se dedica à criação de novos conteúdos, como texto, imagens, música, áudio e vídeo. Diferentemente de outras formas de IA, que se concentram em análise, classificação ou previsão, a IA Generativa busca gerar algo inédito, como um texto original, uma imagem única ou uma melodia original.

O texto já está ficando longo demais e, portanto, inadequado para a leitura desta geração da “alta modernidade” mencionada por S. Bauman. Antes de concluir, porém, gostaria de lembrar dois textos: Um do saudoso professor Rubem Alves, que é uma crônica que li na Folha de São Paulo, intitulada Monjolos e Moinhos onde o autor narra a história de um povo que vivia nas montanhas e precisava de energia e assim aproveitavam as quedas d’águas para consegui-la, mas quando este povo se mudou para a planície, todo aquele conhecimento se perdeu. Vale a leitura e a reflexão sobre o texto que é muito gostoso.

O outro texto é do Professor Laurindo Lalo Leal Filho e foi publicado na revista Carta Capital no ano de 2005 onde o autor faz referência a um episódio do qual fui eu o protagonista.

Neste texto o professor Laurindo comenta sobre a visão da Globo sobre o espectador do Jornal Nacional, como aquele cara que não quer pensar, quer receber tudo pronto, sem nenhum esforço intelectual, como o personagem do desenho animado conhecido como Homer Simpson. Recomendo também a leitura.

Para concluir quero refletir sobre a necessidade de ser capaz de produzir o novo e não simplesmente transferir esta capacidade para algo artificial que os doutores da tecnologia têm denominado de inteligência, mas que eu, na minha santa ignorância, não consigo conceber como inteligência e sim como um “robô” que é construído para alimentar a preguiça natural do homem, até mesmo de pensar, refletir e ter emoções.

Com toda a vênia daqueles que pensam de modo diferente.

Livingsthon José Machado